

DANIELLE STEEL

SUA ALTEZA REAL

TRADUÇÃO DE
MARIA DA GRAÇA PINHÃO



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2017

CAPÍTULO 1

Diante da janela do seu quarto, Christianna olhava para a encosta da colina fustigada pela chuva. Observava o grande cão branco, ensopado e com o pelo emaranhado, que escavava excitadamente a lama. De vez em quando, olhava para ela e abanava a cauda. Era o cão da montanha dos Pirenéus que o pai lhe dera havia oito anos. Chamava-se *Charles*. Christianna riu-se ao vê-lo perseguir um coelho que o iludiu e desapareceu num instante. *Charles* ladrou freneticamente, mas voltou a patinhar na lama, à procura de qualquer coisa para perseguir. Estava a divertir-se imenso, tal como Christianna a observá-lo. Era o fim do verão e o tempo ainda estava quente. Tinha regressado a Vaduz em junho, depois de passar quatro anos na universidade em Berkeley. Voltar para casa fora um choque. Além dos primos de Inglaterra e da Alemanha, e dos conhecidos espalhados por toda a Europa, o seu único amigo era *Charles*. A sua vida era resguardada e isolada, como sempre tinha sido.

Ao ver o cão desaparecer na direção dos estábulos, Christianna saiu apressadamente do quarto, decidida a segui-lo. Deitou a mão à capa de montar e a umas botas de borracha que usava para limpar o estrume da baía do seu cavalo e desceu a escada das traseiras a correr. Felizmente ninguém deu por ela e num instante estava no exterior, deslizando pela lama, a correr atrás do grande cão branco. Chamou-o e ele deu imediatamente um salto, quase a atirando ao chão. Pôs-se a abanar a cauda, espalhando água em todas

as direções, pousando-lhe uma pata coberta de lama em cima e, quando ela se baixou para lhe fazer uma festa, ergueu o focinho e lambeu-lhe a cara, fugindo a seguir, enquanto ela se ria. Correram lado a lado pelo caminho dos cavalos. O tempo estava demasiado húmido para andar a cavalo.

Quando o cão saía do caminho, chamava-o; ele hesitava e depois regressava para junto dela. A chuva excitava-o, por isso corria e ladrava. Uma hora depois, parou, ofegante, enquanto o cão arquejava pesadamente ao seu lado. Meteu por um atalho e voltaram ao local de onde haviam partido. Tinha sido um passeio maravilhoso, e estavam ambos com um aspeto descomposto e desgrenhado. O cabelo de Christianna, comprido e de um louro quase branco, estava desgrenhado e agarrado à cabeça, tinha a cara molhada e até as pestanas se colavam umas às outras. Nunca usava maquilhagem, exceto em saídas formais ou quando a fotografavam. Vestia as calças de ganga que tinha trazido de Berkeley. Eram uma recordação da vida que perdera. Adorara cada momento dos seus quatro anos na universidade de Berkeley, na Califórnia. Lutara duramente pela autorização para ir. O irmão tinha ido para Oxford e o pai sugerira a Sorbonne para ela. Christianna mostrara-se irreduzível na sua vontade de frequentar a universidade nos Estados Unidos, e, por fim, o pai cedera, embora com relutância. Ir para tão longe do seu país equivalera a alcançar a liberdade e odiara ter de voltar para casa quando se licenciara em junho. Fizera amigos de quem tinha muitas saudades: faziam parte de uma outra vida de que sentia tanto a falta. Regressara a casa para assumir as suas responsabilidades. Para Christianna era um pesado fardo, apenas aliviado por momentos como aquele, quando correria pelo bosque com o cão. Durante o resto do tempo sentia-se como se estivesse encarcerada, condenada a prisão perpétua. Não havia ninguém a quem pudesse dizer tal coisa e, se o dissesse, pareceria ingrata por tudo o que tinha. O pai era bondoso. Presentira, mais do que vira, a sua tristeza desde que regressara dos Estados Unidos. Mas não podia fazer nada. Christianna sabia, tal como ele, que a sua infância

e a liberdade de que desfrutara na Califórnia tinham chegado ao fim.

Charles olhou interrogativamente para a dona quando chegaram ao fim do caminho dos cavalos, como a perguntar se tinham de facto de regressar a casa.

— Eu sei — disse *Christianna* com meiguice, dando-lhe uma palmadinha. — Eu também não quero.

A chuva caía-lhe suavemente no rosto, mas não se importava de ficar ensopada nem que o cabelo se molhasse, tal como o cão não se importava de ficar encharcado. A capa protegia-a e as botas estavam cobertas de lama. Olhou para ele e riu-se, pensando que era difícil acreditar que aquele cão castanho coberto de lama era afinal branco.

Christianna precisava de exercício e o cão também. Dirigiram-se para casa, ambos com um andar digno. Ela tinha a esperança de entrar discretamente pela porta das traseiras, mas levar *Charles* para dentro de casa naquele estado vergonhoso seria um desafio bem maior. Estava demasiado sebento para o levar para o andar de cima e tinha de atravessar a cozinha com ele. *Charles* precisava de um banho depois do passeio pela lama.

Abriu cuidadosamente a porta da cozinha, esperando escapar à atenção, mas, logo que a abriu, o enorme cão coberto de lama passou à sua frente de um salto, correu para o meio da divisão e ladrrou excitadamente. Resolvida a questão de uma entrada discreta, *Christianna* sorriu, envergonhada, e olhou para as caras conhecidas que a rodeavam. As pessoas que trabalhavam na cozinha eram bondosas, e por vezes gostaria de poder sentar-se no meio delas, desfrutando da sua companhia e da atmosfera amistosa, como fizera em criança. Mas também esses dias tinham acabado. Já não a tratavam como quando ela e o irmão, *Friedrich*, eram crianças. *Friedrich* tinha mais dez anos que ela e andaria em viagem pela Ásia durante os seis meses seguintes. *Christianna* fizera vinte e três anos naquele verão.

Charles continuava a ladrar e a sacudir a água, salpicando de

lama toda a gente que tinha à volta, enquanto Christianna tentava, em vão, dominá-lo.

— Peço muita desculpa — disse a Tilda, a cozinheira.

Esta limpou a cara ao avental e sorriu à jovem que conhecia desde que nascera. Fez um rápido sinal a um rapaz, que se apressou a levar o cão.

— Lamento, ele sujou-se todo — disse Christianna com um sorriso ao rapaz, desejando poder dar ela própria banho ao cão. Gostava de o fazer. *Charles* ganiu, infeliz, quando o levaram.

— Não me importo de lhe dar banho... — continuou Christianna, mas o cão já se tinha ido embora.

— Claro que não, minha senhora — respondeu Tilda, franzindo as sobrancelhas. Depois agarrou numa toalha para limpar a cara de Christianna. Se ainda fosse criança, teria ralhado com ela e dir-lhe-ia que estava com pior aspeto que o cão. — Quer almoçar? — Christianna nem sequer tinha pensado no almoço e abanou a cabeça. — O seu pai ainda está na sala de jantar. Acabou agora de comer a sopa. Posso mandar para cima alguma coisa para si.

Christianna hesitou e depois concordou.

Não o tinha visto durante todo o dia e apreciava os momentos tranquilos que partilhavam quando ele não estava a trabalhar, o que era raro. Estava geralmente rodeado por um grupo variável do seu pessoal e cheio de pressa para ir para reuniões. Para ele era um verdadeiro prazer fazer uma refeição a sós, em especial com ela. Christianna apreciava o tempo que passavam juntos. Só saíra de Berkeley e regressara a casa de boa vontade por causa dele. Não tivera alternativa, embora gostasse muito de se doutorar só para ficar nos Estados Unidos. Não ousara pedir tal coisa. Sabia que a resposta teria sido negativa. O pai queria-a em casa. Tinha de ser duplamente responsável devido à ausência do irmão. Se Friedrich estivesse disposto a assumir as suas responsabilidades, o fardo sobre os ombros dela seria mais leve. Mas não valia a pena ter essa esperança.

Pendurou a capa num cabide à saída da cozinha e descalçou as botas. Estas eram visivelmente mais pequenas do que qualquer outro par que ali estava. Tinha pés minúsculos. Quando usava sapatos rasos, o irmão troçava muitas vezes, dizendo-lhe que parecia uma criança, em especial com o seu comprido cabelo louro, que ainda lhe caía húmido pelas costas. As mãos eram pequenas e delicadas e tinha uma figura perfeita que nada tinha de infantil, embora fosse muito franzina e um pouco magra demais; o rosto parecia esculpido. As pessoas diziam que era parecida com a mãe e também um pouco com o pai, mas tanto ele como o irmão eram muito altos, com bem mais de um metro e oitenta centímetros. A sua mãe fora tão pequena como ela e morrera quando Christianna tinha cinco anos e Friedrich quinze. O pai não se voltara a casar. Christianna era a senhora da casa e muitas vezes a anfitriã do pai em jantares ou acontecimentos importantes. Era uma das responsabilidades que se esperava que ela assumisse e, embora não a apreciasse, um dever que cumpria pelo amor que tinha pelo pai. Ela e o pai foram sempre muito próximos.

Christianna subiu a correr a escada das traseiras, de calças de ganga, suéter e apenas de meias. Chegou à copa ligeiramente ofegante, acenou às pessoas que lá estavam e entrou discretamente na sala de jantar. O pai estava sozinho à mesa, a analisar uma pilha de papéis, de óculos postos e com uma expressão séria. Não ouviu Christianna entrar. Levantou os olhos e sorriu quando ela deslizou silenciosamente para a cadeira ao lado dele. Era evidente que tinha ficado contente por ver a filha, ficava sempre.

— O que tens andado a tramar, Cricky? — Deu-lhe uma palmadinha suave na cabeça quando ela se debruçou para o beijar e reparou no seu cabelo húmido. — Andaste à chuva. Andaste a cavalo com este tempo?

Preocupava-se com ela, mais do que com Freddy. Christianna sempre lhe parecera muito frágil. Desde que perdera a mulher, vítima de cancro, havia dezoito anos, tinha tratado a filha como a oferta inestimável que fora quando nascera. Era tão parecida

com a mãe! A sua falecida mulher tinha exatamente a idade de Christianna quando se casara com ela. Era francesa, metade Orleães e metade Bourbon, as duas famílias reais de França, que tinham sido a monarquia reinante antes da Revolução Francesa. Christianna era descendente de famílias reais. Os antepassados do pai eram sobretudo alemães, com primos em Inglaterra, e a sua língua era alemã, mas tanto ele como a mãe de Christianna falavam em francês com os filhos, que continuava a ser a língua com que Christianna se sentia mais confortável e a que preferia, embora também falasse alemão, italiano, espanhol e inglês. O seu inglês melhorara imenso durante os anos que passou na universidade na Califórnia, sendo agora perfeitamente fluente.

— Não devias ter andado a cavalo à chuva — repreendeu-a gentilmente. — Vais apanhar uma constipação ou pior.

Temia que ela adoecesse e reconhecia que exagerava desde a morte da mulher.

— Não andei a cavalo — explicou. — Só fui fazer uma corrida com o cão.

Entretanto, o empregado pôs à sua frente a sopa servida num delicado prato *Limoges* com uma barra dourada, que devia ter duzentos anos. O serviço pertencera à avó francesa e havia outros igualmente bonitos que tinham pertencido aos antepassados do seu pai.

— Está muito ocupado hoje? — perguntou Christianna em voz baixa, e ele acenou que sim, enquanto afastava os papéis com um suspiro.

— Não mais que o habitual. Tantos problemas no mundo, tantas coisas que não podem ser resolvidas. Já nada é simples.

O pai era conhecido pelas suas preocupações humanitárias. Era um homem digno de respeito e olhado com muito afeto por todos os que o conheciam. Compassivo, íntegro e corajoso, fora um exemplo tanto para ela como para o irmão. Christianna aprendia com o seu exemplo e escutava tudo o que dizia. Freddy não prestava atenção às ordens, à sabedoria ou aos pedidos do

pai. E essa indiferença levava Christianna a ter de cumprir deveres e a manter tradições em nome dos dois. Sabia que o pai se sentia desiludido com o filho e tinha de compensá-lo. Era muito parecida com o pai e interessava-se sempre pelos seus projetos, em especial os que envolviam povos indigentes de países subdesenvolvidos. Fizera voluntariado várias vezes em regiões pobres da Europa, e nunca se sentira tão feliz.

Ele explicou-lhe as suas mais recentes diligências e escutou-o com interesse, fazendo comentários de vez em quando. Gostaria que o filho tivesse a inteligência e a energia dela. E sabia que a filha pensava que andava a perder o seu tempo desde que regressara a casa. Sugerira-lhe recentemente que pensasse em estudar direito ou ciências políticas em Paris. Era uma maneira de se manter ocupada e seria um desafio para a sua mente, além de que Paris ficava bastante perto de casa. Tinha lá muitas pessoas de família do lado da mãe, podia ficar com elas e vir a Vaduz com frequência para estar com o pai. Mesmo na sua idade não havia a mais remota possibilidade de ficar num apartamento próprio. Ainda andava a ponderar a ideia, mas estava mais interessada em desenvolver uma atividade útil para ajudar o próximo do que em voltar a estudar. Por insistência do pai, Freddy tinha-se licenciado em Oxford e feito o mestrado em Estudos Empresariais em Harvard, que não lhe servia de nada dada a vida que levava. O pai teria permitido que Christianna estudasse numa área menos prática, se ela quisesse, mas entendia que direito ou ciência política seriam os temas adequados.

O secretário entrou na sala de jantar com expressão contrita, enquanto eles acabavam de tomar o café. Sorriu a Christianna. Era como um tio para ela e trabalhava para o pai desde que se lembrava. A maioria das pessoas que os rodeavam trabalhava para ele há muitos anos.

— Lamento interromper, Alteza, disse o homem com expressão cautelosa. — Tem um encontro com o ministro das Finanças dentro de vinte minutos. Recebemos novos relatórios da Suíça que

talvez queira ler antes de falar com ele. E o nosso embaixador nas Nações Unidas estará aqui para falar consigo às três e meia.

Christianna sabia que o pai estaria ocupado até ao jantar e que era provável que a sua presença fosse necessária nalgum evento oficial. Quando a convidava, ia com ele. Caso contrário, ficava em casa ou aparecia em alguns eventos. Em Vaduz não havia serões descontraídos com amigos, como em Berkeley. Agora eram só deveres, responsabilidades e trabalho.

— Obrigado, Wilhelm, desço dentro de poucos minutos — disse o pai em voz baixa.

O secretário fez a ambos uma vénia discreta e saiu silenciosamente da sala, enquanto Christianna olhava para ele com o queixo apoiado nas mãos. Parecia mais nova que nunca e um pouco perturbada, pensou o pai, olhando para ela a sorrir. Era muito bonita e boa menina... Sabia que sentia o peso dos deveres oficiais desde que regressara, tal como ele temera que sucedesse. As responsabilidades e a pressão que a envolviam não eram fáceis para uma jovem de vinte e três anos. As inevitáveis restrições com que tinha de viver não deixariam de a desgastar, tal como lhe sucedera a ele quando tinha a mesma idade. Também Freddy sentiria o seu peso quando regressasse na primavera, embora fosse muito mais hábil a escapar às responsabilidades que o pai e a irmã. O divertimento era agora o único emprego de Freddy, uma carreira a tempo inteiro. Desde que saíra de Harvard, entregara-se de corpo e alma a satisfazer os seus apetites. Era tudo o que fazia e não tinha o menor desejo de crescer ou mudar.

— Não se cansa do que faz, pai? Eu fico exausta só de o ver cumprir a agenda sempre apertada.

O horário dele parecia interminável, embora nunca se queixasse. O sentido de dever fazia parte da sua natureza.

— Eu gosto do que faço — disse com honestidade —, mas na tua idade não gostava. Ao princípio odiava o meu trabalho. Disse ao meu pai que me sentia um prisioneiro, o que o deixou

horrorizado. Com o tempo habituamo-nos. Também tu te habituarás, minha querida.

Não havia alternativa para nenhum deles, apenas o caminho que tinha sido definido quando tinham nascido. Tal como o pai, Christianna aceitava o seu destino.

O pai de Christianna, Hans Josef, era o príncipe reinante do Liechtenstein, um principado de cento e sessenta quilómetros quadrados e com trinta e três mil habitantes, com fronteiras com a Áustria a leste e com a Suíça a oeste. Totalmente independente, mantinha-se neutro desde a Segunda Guerra Mundial. A sua neutralidade estabelecia os parâmetros do interesse humanitário do príncipe pelos povos oprimidos e sofredores de todo o mundo. Entre todas as coisas que o pai fazia, eram as suas ações humanitárias que mais interessavam a Christianna. A política tinha para si menos interesse, mas para o pai era uma paixão. Freddy não se interessava nem por uma coisa nem por outra, embora fosse o príncipe herdeiro e um dia sucedesse ao seu pai. Noutros países europeus, Christianna seria a terceira na linha de sucessão, mas no Liechtenstein as mulheres não podiam reinar. Por isso, mesmo que o irmão não tomasse o seu lugar como príncipe reinante, Christianna nunca governaria o país. E não tinha qualquer desejo de o fazer, embora o pai dissesse com orgulho que seria mais competente que o irmão para o fazer. Não invejava as funções que um dia o irmão herdaria do pai. Já lhe bastava ter de aceitar as suas. Só lhe restava apoiar o pai das pequenas e pouco valiosas maneiras que podia. Na maioria das vezes, o seu trabalho parecia-lhe totalmente desprovido de sentido. Sentia que estava a perder a sua vida em Vaduz.

— Por vezes odeio o que faço — disse com franqueza, mas não era nada que o pai não soubesse já. Não tinha muito tempo para a tranquilizar, devido ao encontro com o ministro das Finanças dentro de poucos minutos, mas a expressão de angústia dos olhos da filha tocou-o profundamente. — Sinto-me tão inútil aqui. Tal como o pai disse, com todos os problemas do mundo,

porque estou eu aqui, a visitar orfanatos e a inaugurar hospitais, quando podia estar noutros lugares, a fazer coisas importantes?

O seu tom de voz era triste e ele tocou-lhe suavemente na mão.

— O que fazes é importante. Estás a ajudar-me. Não tenho tempo para fazer o que tu fazes no meu lugar. É muito importante para o nosso povo ver-te no meio dele. É exatamente o que a tua mãe teria feito, se ainda estivesse viva.

— Ela fazia-o por escolha — replicou. — Quando se casou consigo, sabia que essa seria a sua vida. Queria fazê-lo. Eu tenho sempre a sensação de que estou a passar tempo.

Ambos sabiam que, se ela atendesse aos desejos do pai, acabaria por se casar com alguém de igual linhagem e que, se ele fosse um príncipe reinante como o pai ou um príncipe herdeiro como o irmão, o que fazia agora preparava-a para essa vida. Havia sempre a possibilidade remota de se casar com alguém de nível inferior, mas, tendo uma Alteza Real de um lado e uma Alteza Sereníssima do outro, era improvável que se casasse com alguém que não fosse de sangue real. O pai nunca permitiria tal coisa. Tanto os Bourbons como os Orleães eram Altezas Reais pelo lado da sua mãe. A mãe do pai também fora uma Alteza Real. O príncipe reinante do Liechtenstein era uma Alteza Sereníssima. Por nascimento, Christianna tinha os dois títulos, mas o seu título oficial era «Sereníssima». Estavam ligados aos Windsors em Inglaterra: a rainha de Inglaterra era sua segunda prima; a família do príncipe Hans Josef incluía os Habsburgos, os Hohenlohes e os Thurn und Taxis. O próprio principado era um aliado próximo da Áustria e da Suíça, embora nestes dois países não houvesse famílias reinantes. Mas todos os familiares do príncipe Hans Josef, de Christianna e de Freddy e dos seus antepassados eram de sangue real por nascimento. Desde a infância, o pai dizia-lhe que, quando se casasse, deveria fazê-lo dentro dos limites do seu mundo. Não passaria pela cabeça de Christianna agir de outro modo.

A única vez em que a vida de Christianna não foi afetada pelo seu estatuto real foi durante a permanência na universidade, na Califórnia, onde vivera num apartamento em Berkeley com dois guarda-costas, um homem e uma mulher. Só revelou a verdade às duas amigas mais próximas, que guardaram religiosamente o seu segredo, tal como a administração da universidade, que também tinha conhecimento. A maioria das pessoas que ali tinha conhecido não fazia ideia de quem ela era, e sentira-se feliz assim. Tinha florescido naquele raro anonimato, livre dos constrangimentos e das obrigações que achava tão opressivos desde a juventude. Na Califórnia, era «quase» uma universitária como as outras. Com dois guarda-costas e um pai príncipe reinante. Sempre fora vaga quando lhe perguntavam o que fazia o pai. Por fim, aprendeu a dizer que ele estava nos direitos humanos ou que era relações-públicas, às vezes político, o que era correto. Não usou o título enquanto lá esteve. Aliás, poucas pessoas que conhecia sabiam onde era o Liechtenstein ou que tinha uma língua própria. Também nunca disse que a casa da sua família era um palácio real em Vaduz, que tinha sido construído no século XIV e reconstruído no século XVI. Christianna adorara a independência e o anonimato dos seus anos na universidade. Em Vaduz era de novo Alteza Sereníssima e tinha de suportar tudo o que o título implicava. Para ela, ser princesa mais parecia uma praga.

— Queres ir comigo ao encontro de hoje com o nosso embaixador nas Nações Unidas? — propôs o pai, tentando animá-la.

Ela suspirou e abanou a cabeça, quando o pai já saía da mesa.

— Não posso. Tenho de inaugurar um hospital. Não percebo porque temos tantos hospitais. — Sorriu. — Tenho a sensação de que corto uma daquelas fitas todos os dias.

Claro que era exagero, mas por vezes era o que sentia.

— A tua presença é muito importante.

Sabia que o pai tinha razão, mas gostaria de ter coisas mais úteis para fazer, trabalhar com pessoas, ajudá-las, melhorar as suas vidas de forma concreta, em vez de usar um chapéu bonito, um

fato *Chanel* e as joias da mãe ou outras retiradas dos cofres-fortes da Coroa. A coroa que a mãe tinha usado na coroação do pai ainda lá estava. O pai sempre dissera que Christianna a usaria no dia do seu casamento. E tivera um sobressalto ao descobrir como era horrivelmente pesada, quando a experimentara, tão pesada como as responsabilidades que vinham com ela.

— Queres vir comigo ao jantar desta noite em honra do embaixador? — propôs o príncipe Hans Josef, recolhendo os papéis.

Não queria pressioná-la, sendo tão evidente a sua infelicidade, mas já estava atrasado.

— Precisa da minha presença? — perguntou Christianna delicadamente, sempre respeitosa. Iria sem se queixar se ele dissesse que sim.

— Na verdade, não. Só se quiseres ir. É um homem interessante.

— Acredito que seja, pai, mas, se não precisa de mim, prefiro ficar de calças de ganga e ler um bocado.

— Ou a brincar no computador...

Adorava mandar *e-mails* aos amigos dos Estados Unidos e continuava a comunicar com eles com frequência. Era uma princesa moderna e uma mulher cheia de vitalidade, e sentia como uma grilheta o peso de ser quem era e do que se esperava dela. Freddy sentia o mesmo. Nos últimos quinze anos tinha sido uma espécie de *playboy*, aparecendo com frequência nos tabloides, ligado a atrizes e modelos de toda a Europa e por vezes a uma ou outra jovem da realeza. Era por isso que estava agora na Ásia, para escapar à atenção do público e da imprensa. O pai tinha-o encorajado a afastar-se por algum tempo. Estava a aproximar-se a altura em que teria de assentar. O príncipe esperava menos da filha, visto que não herdaria o trono. Mas também sabia que ela se aborrecia, razão pela qual queria que fosse para Paris, para a Sorbonne. Precisava de mais do que inaugurar hospitais. O Liechtenstein era um país pequeno e a sua capital, Vaduz, uma cidade minúscula. Recentemente sugerira-lhe que fosse a Londres visitar os primos e os amigos.

Agora que terminara os estudos e ainda não estava casada, tinha muito pouco com que ocupar o seu tempo.

— Vemo-nos antes de jantar — disse o pai, dando-lhe um beijo no alto da cabeça.

O seu cabelo ainda estava húmido. Ergueu para o pai os enormes olhos azuis. A tristeza que leu neles apertou-lhe o coração.

— Pai, quero fazer outras coisas. Porque não posso ir viajar como o Freddy?

Falou numa voz queixosa, como qualquer jovem da sua idade pedindo ao pai autorização para fazer uma coisa que o mais certo era ele não aprovar.

— Porque te quero aqui comigo. Não aguentaria seis meses sem ti.

Nos olhos do pai brilhou de repente uma centelha de malícia. O seu melhor período fora durante a vida da mãe de Christianna; desde então entregara-se à família e às suas responsabilidades. Desde que a mulher morrera, não houve nenhuma outra na sua vida, embora muitas tivessem tentado. Tinha-se dedicado inteiramente à família e ao trabalho. Era, na verdade, uma vida de sacrifício.

— No caso do teu irmão, é um alívio saber que está longe. Sabes como gosta de provocar a imprensa.

Christianna soltou uma gargalhada. Freddy arranjava sempre maneira de se meter em sarilhos e depois ser apanhado. Desde que Freddy estivera a estudar em Oxford, o seu adido de imprensa trabalhava a tempo inteiro para o proteger. Com trinta e três anos, tinha sido tema forte nos tabloides nos últimos quinze. Christianna só aparecia na imprensa em atos oficiais com o pai ou quando inaugurava hospitais ou bibliotecas.

Durante a universidade só fora publicada uma fotografia sua na revista *People*, tirada enquanto assistia a um jogo de futebol com um dos seus primos da casa real britânica, uma meia dúzia na *Harper's Bazaar* e na *Vogue* e uma encantadora imagem em vestido de baile, na *Town and Country*, num artigo acerca da jovem realeza.

Christianna mantinha uma imagem discreta, o que agradava ao seu pai. Freddy era outra história, mas era rapaz, como salientava sempre o príncipe Hans Josef. Mas tinha-o avisado de que, quando regressasse da Ásia, não haveria mais escapadelas com supermodelos nem escândalos com jovens aspirantes a estrelas e que, se continuasse a chamar a atenção, o pai cortar-lhe-ia a mesada. Freddy compreendera e prometera comportar-se bem quando regressasse. Mas não tinha pressa de voltar.

— Encontramo-nos logo à noite, minha querida — disse o príncipe Hans Josef, dando-lhe um abraço carinhoso.

Depois saiu da sala de jantar enquanto os empregados faziam vénias profundas à sua passagem.

Christianna voltou para os seus aposentos no terceiro andar do palácio real. Tinha um grande quarto, um quarto de vestir, uma linda sala de estar e um escritório. A secretária particular estava à sua espera, e *Charles* encontrava-se deitado no chão. Fora lavado, escovado e perfumado e já não tinha nada que se parecesse com o cão com que tinha andado a correr pelo bosque durante a manhã. Parecia até um pouco deprimido por causa da limpeza a que tinha sido sujeito. Detestava tomar banho. Christianna sorriu ao olhar para ele, sentindo-se mais ligada ao cão do que a qualquer pessoa do palácio ou talvez mesmo de todo o país. Tal como o cão, detestava ser penteada, arranjada e incomodada. Tinha-se sentido muito mais feliz de manhã a correr com ele, ensopada e coberta de lama. Fez-lhe uma festa e sentou-se. A secretária particular ergueu os olhos e sorriu, entregando a Christianna a temida agenda do dia. Sylvie de Maréchale era suíça, vinda de Genebra; tinha quase cinquenta anos e os seus filhos haviam crescido e partido. Dois viviam nos Estados Unidos, um em Londres e outro em Paris, e há seis anos que tratava de todos os assuntos de Christianna. Gostava muito mais do seu trabalho agora que a princesa regressara a casa. Era calorosa e maternal, e Christianna podia conversar com ela e até queixar-se da sua vida tão maçadora.

— Vai inaugurar um hospital pediátrico hoje às três horas, Alteza, e faz uma paragem num lar de idosos às quatro. Deve ser uma paragem muito curta e não precisa de discursar em nenhum destes sítios. Apenas algumas palavras de admiração e de agradecimento. No hospital, as crianças oferecem-lhe um ramo de flores.

Tinha uma lista com os nomes das pessoas que a acompanhariam e das três crianças que lhe entregariam o ramo. A sua organização era impecável e dava sempre a Christianna os pormenores fundamentais. Quando era preciso, acompanhava-a nas deslocações. Em casa, ajudava-a a organizar pequenos jantares com pessoas importantes que o seu pai lhe pedia que recebesse ou banquetes para chefes de Estado. Gerira uma casa durante muitos anos e agora ensinava Christianna a gerir a sua, com todos os pormenores e atenção às minúcias que permitiam que cada evento corresse bem. As suas orientações eram perfeitas, o gosto requintado e a bondade para com a sua jovem patroa ilimitada. Era a auxiliar perfeita para uma jovem princesa e tinha um agradável sentido de humor que animava a disposição de Christianna quando as suas obrigações se tornavam demasiado pesadas.

— Amanhã inaugura uma biblioteca — disse com gentileza, sabendo que Christianna estava saturada daquelas funções, depois de ter regressado a casa há apenas três meses. Continuava a sentir o regresso a Vaduz como uma sentença de prisão perpétua. — Terá de fazer um discurso — avisou —, mas hoje está livre disso.

Christianna estava com uma expressão pensativa, a meditar na conversa com o pai. Ainda não sabia para onde, mas queria partir. Talvez depois do regresso de Freddy, para que o pai não se sentisse tão sozinho. Sabia que lhe tinha custado muito a sua ausência. Amava os filhos e apreciava a sua companhia e, soberano ou não, nada o tornava tão feliz como a presença da sua família, tal como tinha sido feliz no seu casamento com a mulher cuja falta ainda sentia.

— Quer que escreva o seu discurso para amanhã? — propôs Sylvie.

Já o tinha feito noutras ocasiões e saíra-se bem. Mas Christianna abanou a cabeça.

— Eu trato disso. Escrevo-o hoje à noite.

Lembrou-se dos seus trabalhos de casa quando andava na universidade. Agora até sentia a falta deles. O discurso sempre era alguma coisa para fazer.

— Deixo um apontamento com os pormenores acerca da nova biblioteca na sua secretária — disse Sylvie, olhando para o relógio. Sobressaltou-se com as horas. — É melhor vestir-se. Tem de sair dentro de meia hora. Posso ajudá-la? Quer que vá buscar alguma coisa?

Christianna abanou a cabeça. Sabia que Sylvie estava a oferecer-se para ir buscar as joias ao cofre-forte, mas Christianna só usava as pérolas da mãe e os brincos a condizer, um presente do príncipe Hans Josef à sua mãe. Usá-las significava muito para si. E o pai ficava sempre contente por ver Christianna com as joias da mãe. Com um aceno a Sylvie, saiu para mudar de roupa, e *Charles* levantou-se e foi atrás dela.

Meia hora depois, Christianna estava de volta ao escritório, uma verdadeira princesa, com um fato *Chanel* azul com uma flor branca e um laço preto no pescoço. Trazia uma pequena bolsa preta de pele de crocodilo que o pai lhe tinha comprado em Paris, com sapatos de crocodilo pretos a condizer, as pérolas e os brincos da mãe e umas luvas de pelica brancas no bolso do casaco.

Apresentava-se elegante e juvenil, com o seu comprido cabelo louro apanhado num rabo de cavalo lustroso. Estava impecável quando saiu do *Mercedes* diante do hospital, saudando o diretor e os seus administradores de forma calorosa e amável. Disse algumas palavras de agradecimento, reconhecendo o trabalho que ali seria feito. Parou para apertar a mão a todas as pessoas que enchiam a escadaria de entrada para a ver e que a admiravam, devido à sua beleza, elegância e sobretudo aos modos naturais e simples. Como sempre fazia quando aparecia em público, representando o pai e o palácio, Christianna esforçou-se por deixar boa impressão.

Quando partiu, todos os assistentes acenaram em despedida e ela fez o mesmo, agora com as impecáveis luvas de pelica branca calçadas. A visita ao hospital fora um sucesso.

Reclinou a cabeça para trás durante alguns minutos, enquanto se dirigiam para o lar de idosos, pensando no rosto das crianças que acabara de beijar. Beijara centenas de outras crianças desde que tinha assumido os seus deveres em junho. Era difícil aceitar que o resto da sua vida seria cortar fitas, inaugurar hospitais, bibliotecas e centros para a terceira idade, beijar crianças e velhotas, apertar a mão de dúzias de pessoas e depois partir a acenar. Não queria ser ingrata nem desrespeitosa para com o pai, mas detestava tudo aquilo.

Sob muitos aspetos, era afortunada. Mas aquela vida fútil depressia-a. Ainda tinha os olhos fechados quando pararam diante do lar da terceira idade. O guarda-costas, ao abrir-lhe a porta, viu duas lágrimas que lhe corriam devagar pelas faces. Com um sorriso para ele e para as pessoas que a esperavam, cheias de excitação e expectativa, limpou as lágrimas com a mão enluvada.